

Identidades culturais: os valores simbólicos do futebol na recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha¹

Marcelo Bernardes FARINA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente trabalho corresponde a um recorte da dissertação de mestrado deste mesmo autor, em que se investigaram as condições de recepção aos comentários esportivos da Rádio Gaúcha. Esta pesquisa direciona-se, exclusivamente, ao eixo de identidades culturais, do Circuito da Cultura, de Du Gay et al (1997), buscando compreender os valores simbólicos que aproximam os torcedores ao futebol e aos comentários esportivos. O percurso metodológico consistiu na técnica de entrevista em profundidade com ouvintes da emissora. Constatou-se que a relação com o contexto futebolístico se norteia por contornos afetivos e, por constituir modos de significar as experiências sociais cotidianas, transcendendo o sentido literal do futebol, como modalidade esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; circuito da cultura; identidade cultural; futebol; comentários esportivos.

1 Introdução

O futebol admite um nível de abrangência muito mais amplo do que a análise e o registro dos fatos ocorridos no limite das quatro linhas do campo de jogo. Isto, porque, sobre sua origem e existência emerge um contexto de relações socioculturais, responsáveis pela dimensão de seus significados. O alcance deste esporte no Brasil é tão elevado, a ponto de que os sentidos produzidos culturalmente admitem relação de causa e efeito com propriedades da vida social e de seus meios de integração, a exemplo do processo comunicacional.

Neste contexto, destaca-se o jornalismo esportivo, com sua condição simbólica atrelada ao universo cultural, quando se busca compreender os sentidos sociais do futebol em toda a esfera comunicacional que gira em torno dos elementos de ascensão e desdobramentos do esporte.

Os polos de produção e recepção acabam por construir um ambiente de troca de mensagens, e de propagação dos significados, paralelamente a etapas de produção de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte. XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da PUCRS. E-mail: farinabmarcelo@gmail.com.

sentido, compreendidas pelos conceitos de identidade, representação e regulação, conforme o aporte do diagrama do Circuito da Cultura, de Du Gay et. al. (1997).

Diante deste cenário brevemente relatado, o presente trabalho busca expor as identidades envolvidas na recepção dos comentários esportivos da Rádio Gaúcha, com o objetivo de se compreender os significados de experiências socioculturais, que posicionam e sustentam a condição de indivíduos torcedores, no contexto de assimilação do futebol e dos comentários esportivos.

A metodologia adota a abordagem teórica do campo científico dos Estudos Culturais e emprega a técnica de entrevista em profundidades, aplicada a seis ouvintes dos comentários esportivos diários da Rádio Gaúcha, sendo eles torcedores dos clubes de futebol, Grêmio e Internacional, de Porto Alegre. A coleta destes ouvintes ocorreu mediante a uma pré-seleção, com o auxílio de questionários prévios aplicados nas redes sociais.

O repertório teórico adotado para a análise neste estudo contempla a exploração e a delimitação do conceito de identidade cultural, tangenciada por contextos de construção histórica e social do futebol perante seus adeptos, e pela relação com outros momentos do Circuito da Cultura, como a etapa de leitura da realidade, imersa ao eixo de representação. A seguir, seguem as perspectivas teóricas que fundamentam a ideia de identidade cultural, com sua respectiva aplicabilidade no universo futebolístico.

2 O conceito de identidade cultural e a origem histórica do futebol

As identidades são indissociáveis das experiências cotidianas da vivência humana, mas, mais especificamente, da relação com que estes respectivos modos de expressão constroem na concepção de uma realidade social com agentes integrados. Ou seja, as identidades só são lapidadas e, conseqüentemente, diferenciáveis, quando se compreende o universo distinto das representações e o posicionamento dos indivíduos singulares diante das visões plurais de condução das práticas de contato com o mundo. Pois, é a partir do conflito de ângulos de imersão ao mundo real, com o apontamento mais nítido de traços e condutas peculiares e bem direcionadas restritamente, que se confere o alcance e a transparência social de uma identidade. Essa perspectiva, conforme Hall (2003), retrata o discernimento, em termos de representações, das diferenças entre os seres humanos, nos processos de conexão com a cultura.

Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que

não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construída (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto. (HALL, 2003, p. 109-110).

O caráter distintivo das identidades evoca a notoriedade plural do universo das representações e suas implicações, pois o teor e o delineamento do escopo identitário seguem baseados na comunicação permanente e compreensiva entre estes valores simbólicos atribuidores de sentido. Deste modo, são evocados os códigos culturais e linguísticos que engendram as referências simbólicas das representações, tangibilizando os significados e, com isso, permitem o despertar dos sentidos personificados dentro do referido universo de diferenças, suscitando, assim, a abrangência da identidade em uma delimitada sociedade de semelhantes.

Estudo de Coiro Moraes (2014) situa a validade do conceito de identidade em uma perspectiva temporal e de evolução conforme as vertentes culturais, baseando-se em pesquisas de Hall (2003). O conceito de identidade, amparado pela insurgência da pós-modernidade, acaba por incorporar os fenômenos e a disseminação de valores angariados e intensificados no correspondente período. É quando eclodem movimentos e facilita-se a distinção humana em diversas características da espécie, seguidos de expressões revolucionárias e reivindicatórias. A explicitação das diferenças – como de gênero e raça – e estudo das mesmas nos tempos atuais, acaba por implicar no condicionamento de identidades humanas, habilitadas à elucidação de tantas outras. A adesão ao futebol e a vivência de seus significados sociais, por exemplo, não deixou de ser, durante muito tempo, uma identidade relacionada ao gênero masculino e a camadas populares da sociedade, tanto na prática quanto na audiência do esporte, mesmo que esse panorama esteja sendo atualizado.

A identidade cultural tem sido um assunto central dos EC, fundamentando pesquisas que envolvem questões de gênero, de classe, de raça e etnia, e de confrontos como modernidade x pós-modernidade, local x global, etc. Tais estudos, em sua maioria, se valem do que postulou Hall, especialmente em *A identidade cultural na pósmodernidade*, obra em que ele considera as mudanças no conceito de identidade (COIRO MORAES, 2004, p. 11).

A evolução da identidade cultural apresenta valores de representações comuns no contexto da pós-modernidade, como o discernimento e a delimitação de distinções

por parte dos sujeitos humanos, na espreita dos fenômenos cotidianos. O amadurecimento das formas simbólicas aplicados a circunstâncias instituídas na sociedade validam espécies de identidades diante dos cenários dinamizados em uma cultura pós-moderna. Essas classificações e as delimitações distintivas impõem significados dos mais diversos em contextos, como o do torcedor de futebol. Algumas torcidas vinculam seu repertório discursivo a identidades de determinados símbolos de raça, gênero e etnia. Isso se torna comum, na medida em que algumas torcidas de futebol já tenham sido marcadas por episódios de racismo e preconceito de gênero, ao mesmo passo em que alguns destes estereótipos simbólicos de identidades da espécie humana simbolizam a atuação e a identificação de certos torcedores. Por outro lado, a disseminação e a compreensão das diferentes identidades no período pós-moderno tornam esse cenário de identificação mais complexo, tendo em vista que diferentes fenômenos contemporâneos dos indivíduos são encontrados em inúmeras comunidades ou, no caso do futebol, em inúmeras agremiações de torcida.

Partindo ou não de seu caso pessoal, a identidade é uma busca permanente, está em constante construção, trava relações com o presente e com o passado, tem história e, por isso mesmo, não pode ser fixa, determinada num ponto para sempre, implica movimento (ESCOSTEGUY, 2010, p. 148).

A validação e a transformação dos valores humanos a partir da história são os fatores que norteiam o conceito de identidade. No início do século XX, era comum o esporte ser praticado apenas por homens brancos, caracterizando o futebol como um jogo racista e destinado às elites brasileiras. Filho (2010) retrata o Vasco da Gama como primeiro clube a permitir jogadores e torcedores negros em seu grupo profissional e torcida, respectivamente. É um fato que muda a história e qualifica a comunidade vascaína como representante de uma identidade democrática e combatente ao racismo. No Rio Grande do Sul, fenômeno semelhante ocorre com a torcida do Sport Club Internacional, que adota o slogan O Clube do Povo. Essa intitulação dá-se pela conduta folclórica dos torcedores em orgulharem-se por receber adeptos de cor negra e das classes mais populares no seu estádio, além de simbolizarem essa prática nas manifestações das torcidas, seja nos cânticos ou nas expressões imagéticas, quando torcedores do clube criaram o símbolo mascote de um macaco, que circula pelas arquibancadas, supostamente representando os demais adeptos. Essa identidade de

torcedores do Internacional relacionados a camadas populares no Rio Grande do Sul já possui uma conotação histórica no futebol.

As identidades clubísticas de torcidas não são apenas vinculadas a questões de raça e cor. A evolução social e desbravamento de novos fenômenos trazem novos contornos e estereótipos para esses vínculos. Ainda no Rio Grande do Sul, o Grêmio é visto como o primeiro clube brasileiro a admitir uma torcida organizada composta por indivíduos de população homossexual, a intitulada Coligay, fundada na década de 1970. Esse fato remete, de certo modo, a identidade da causa LGBT à comunidade de torcedores do Grêmio, considerando o universo de representação, consumada por seus indivíduos, acessível a esse perfil de diversidade (GERCHMANN, 2014).

As atribuições referidas constituem a construção do universo futebolístico, resultando em contrapontos e embate de valores entre as inúmeras identidades que engendram a concepção cultural das comunidades de torcedores esportivos, sempre em adaptação e evolução, na medida do movimento e avanço dos tempos. Na prática do dia a dia das torcidas, este comportamento de vínculo de determinados atores clubísticos no combate a um ou outro preconceito emerge no folclore de atuação das torcidas, pois, a ainda não aceitação das diversidades em uma sociedade complexa remete ao conflito e à disseminação dos preconceitos – como racismo e homofobia – no ambiente da paixão clubística. Isso se intensifica, conforme os registros de Beting (2005), na medida em que o futebol consiste em um campo de ânimos acirrados pelas disputas entre agremiações, de forma que as ofensas e intolerâncias precursoras do caráter preconceituoso admitem transito e circulação natural. Por isso, é comum que a identificação dos torcedores com causas sociais cotidianas, como as referidas, ingresse no ambiente da rivalidade, com fenômenos da identidade humana sendo agredidos e defendidos, seja com ofensas ou humor, mas, sujeitos à contemplação dominante da paixão clubística, refletindo a identidade assumida pelo perfil da comunidade correspondente a torcedores de determinado clube. Diante da religiosidade mítica que as instituições clubísticas admitem na validação identitária de seus próprios torcedores, não é incomum que muitos destes indivíduos alinhem não apenas sua recepção a mensagens comunicacionais, mas seu posicionamento inerente aos fenômenos sociais, de acordo com os valores clubísticos adotados por seus semelhantes, ou seja, seguidores da mesma instituição futebolística.

A evolução do conceito de identidade nas cercanias da pós-modernidade não apenas consolida os fenômenos universais em pautas da diversidade, mas, também, relativiza os vínculos de identidade, diante da complexidade dos fatos contemporâneos. A eclosão de distintas identidades não apenas repara a noção de vínculo do clube com determinado valor singular da existência humana, mas, ao contrário disso, propõe disputas internas na agregação do perfil de convívio destas instituições que, por vezes, descambam até para a violência. No contexto contemporâneo, um clube apresenta milhões de seguidores de distintas perspectivas, raças, orientação sexual, religiosa e política.

Torna-se mais complexa a delimitação do ambiente de torcedores e adeptos ao futebol por meio das práticas culturais, na medida em que a evolução da espécie humana angaria e aproxima diferenças e fenômenos inerentes aos cidadãos nos parâmetros da identidade destes indivíduos envolvidos com o futebol. O crescimento da presença feminina nos estádios e em eventos que envolvem o futebol exemplifica de forma objetiva a atualização das identidades e correspondentes estereótipos que emergem na representação do esporte. Estes fenômenos e perfis naturais do indivíduo, que redimensionam as condições de produção e de recepção comunicacional, são imersos ao esporte, na medida em que se correlacionam com aspectos que tangem diretamente a concepção do futebol como esporte.

3 As identidades culturais: análise da formação de torcedores de futebol

A autora Escosteguy (2010) qualifica os posicionamentos e visões de mundo, relacionados a uma contextualização histórica, como formas de respaldar comportamentos e as referidas bases culturais. Neste sentido, a presente análise investiga as experiências pessoais e os modos de vidas dos entrevistados que se relacionem com os comentários esportivos e com suas abordagens futebolísticas retratadas. Em suma, a vivência e os traços comportamentais históricos dos torcedores na assimilação do esporte são fatores de identificação dos torcedores com o futebol, referenciando os níveis de características que conectam os sujeitos envolvidos cotidianamente diante da ordem cultural abrangida pela comunidade futebolística.

Hall (2003) caracteriza a delimitação das identidades perante as imposições das diferenças entre os distintos grupos sociais, considerando os mecanismos de representações e meios como os indivíduos se inserem no cotidiano humano diante de

tantos outros modelos de comportamentos admitidos pela sociedade. Este fenômeno pode ser aplicado para se compreender o perfil dos torcedores de futebol, na medida em que estes apresentam atributos e rituais de significação inerentes ao esporte específicos, visualizando este campo cultural diferentemente de sujeitos que não apresentam identificação com o mesmo.

Para se consumir as identidades do meio esportivo, surge como primeiro passo a herança de valores de afinidade clubística, na transmissão e evolução dessas identidades no decorrer das gerações sociais. Com o passar dos anos, novos indivíduos que nascem vão incorporando o perfil delineado pela relação com o futebol e com os fatores passionais agregados, sempre moldando a dimensão destes ambientes em consonância com as ordens culturais que se apresentam.

De certa forma, é possível atribuir a formação de identidades esportivas nos cidadãos, no que tange a adesão ao hábito de torcer a determinado clube, a partir da inserção a representações e convívios sociais já consolidados em torno do esporte, integrando-se a partir de grupos de mediação de valores e condutas, conforme Martín-Barbero (2008). Dentro dos parâmetros refletidos sobre a formação das identidades de torcedores, o entrevistado 3 resume o modo como se instituiu a sua relação com o Internacional.

Quando eu nasci, o meu pai já era colorado. E, por isso, eu sempre fui colorado. Veio de pai para filho. Sempre gostei de futebol. E a partir daí essa relação com o clube só foi crescendo, sempre fui muito ligado ao time. Quando eu me mudei para Porto Alegre, na década de 1970, quando eu tinha cerca de 13 anos, começou a aumentar essa relação. Foi na melhor fase do Inter e quando eu comecei a frequentar o estádio. Estive presente em todas as grandes conquistas dos anos 70 (ENTREVISTADO 3).

O relato do ouvinte demonstra a participação da referência familiar de seu pai na formação de sua identidade como torcedor do Internacional e, assim, a incorporação da cultura futebolística ao seu cotidiano, ressaltando que a identificação crescia diante da trajetória de conquistas do clube dentro das competições esportivas, na fase da adolescência, um período comum em que se constroem os princípios que sustentam a personalidade humana. A realidade apontada representa um processo bastante comum na transmissão das heranças de comportamentos futebolísticos entre as diferentes gerações. A família e a repercussão midiática e comunitária que os clubes e seus patrimônios culturais admitem socialmente acabam por propiciar a disseminação desses

valores na reprodução e expansão destes grupos de torcedores. Deste modo, essas identidades se difundem a ponto que muitos dos comportamentos passam a adquirir contornos inconscientes e pouco compreendidos sob um ponto de vista científico, tamanha a expressão sentimental e irracional que muitas condutas de torcedores adquirem. Neste sentido, as propensões identitárias de torcedores já se conduzem conforme a atuação dos imaginários que as subsidiam, seguindo as teorias dos arquétipos de Jung (2000).

O entrevistado 5, torcedor do Grêmio e pertencente a uma geração mais nova, também desempenhou um caminho parecido com o percorrido pelo entrevistado 3, na formação da identidade de torcedor – sendo despertada, primeiramente, no convívio familiar e, posteriormente, exposta à incorporação de condutas da sociedade, que emergem sobre o repertório cultural e inconsciente que norteia o caráter passional do futebol.

Minha relação com o Grêmio começa desde pequeno, o pai é gremista, mas nunca foi tão fanático. Depois de uma certa idade, com 6 ou 7 anos, quando entrei numa pré-adolescência, comecei a me identificar, ter as roupas do time, camisetas. E comecei a pedir para o pai para ir ao estádio, na época, o estádio Olímpico. Ele me levava e eu fui gostando. Fui crescendo, ficando mais independente. E ali pelos 17 e 18 anos é que fui ficar mais aficionado pelo time e ir mais em jogos e comprar os produtos do clubes. Isso ocorreu de uns cinco ou seis anos para cá (ENTREVISTADO 5).

A origem familiar do torcedor é continuada e ampliada sob o amparo cultural de rituais de significação disseminados na sociedade, como o uso de vestimentas do clube e presenças constantes em partidas, de modo que essas práticas consistem em um processo de produção de sentido de caráter mítico, conforme Armstrong (2005). Estes rituais são compartilhados pela cultura, mas, especialmente, produzem significados no imaginário de sentimentos, conforme crenças e afeições, por vezes, inconscientemente, que a rotina de torcedor remete sobre a vida humana, seguindo ideias de Jung (2000). As práticas, envolvendo objetos ou ações que se remetem ao futebol acabam por adquirir uma conotação muito ampla e afetiva de significados, tamanha a significação mítica que o futebol pode desempenhar em determinados espaços sociais. Para ilustrar esta dimensão, o entrevistado 1, torcedor do Internacional, admite que foi quando presenteado por acessórios do futebol e do clube, que despertou-se a identificação

sentimental com o time, ainda intensificada pela referência familiar de sua tia, intervindo na maneira como enxergaria o mundo e, mais especificamente, o futebol.

Sou colorado desde a infância. Até os sete anos de idade eu não tinha time, não tinha escolhido nenhum e torcia pela seleção brasileira. Aí uma tia minha me deu uma bola do Inter, com uma camiseta também, daí comecei a me afeiçoar ao Internacional e fiquei colorado. Em um período da minha vida foi muito forte essa paixão (ENTREVISTADO 1).

Diante dos depoimentos dos ouvintes, destaca-se a consolidação da família como grupo de influência na emergência de valores ligados ao futebol, consistindo em um dos principais agentes de mediação cultural, seguindo a teoria de Martín-Barbero (2008). A partir das principais referências sociais, principalmente da família, os indivíduos incorporam características e modos de produzir sentido em sua existência, a exemplo dos comportamentos que estimulam a atuação de torcedores de futebol. A trajetória do entrevistado 6 também acompanha esta premissa, de modo que o ouvinte – natural de Rio Pardo, cidade do Rio Grande do Sul – herdou a identidade gremista de seus familiares, de modo que a afinidade com o clube se ampliava no decorrer das gerações.

O Grêmio surgiu em mim pela minha família. Quando eu tinha 12 anos, minha irmã veio morar em Porto Alegre. E foi nesta ocasião que tive a primeira visita ao Estádio Olímpico, na final do Campeonato Brasileiro, de 1982, contra o Flamengo. Já era torcedor. Era uma coisa de família, de pai para filho. Minha mãe também era gremista, todos são gremistas lá em casa. Com 12 e 13 anos acompanhei as principais conquistas do Grêmio: Campeonato Brasileiro, Campeonato Mundial. E, assim, a paixão só foi aumentando (ENTREVISTADO 6).

A notoriedade da relação passional com o Grêmio e da identificação cultural com o futebol pode ser presumida na medida em que este torcedor escolheu uma profissão ligada a esta área – cursando Educação Física e trabalhando, inclusive, no próprio Grêmio, como professor das categorias de base do clube. Ou seja, a identidade vinculada ao Grêmio, de origem familiar e amparada pelas representações sociais convencionadas da significação mítica do futebol, lhe proporcionou vocações profissionais, a exemplo do que ocorre com muitos jovens que experimentam a tentativa de desenvolver uma carreira de jogador de futebol ou ingressar em outra ocupação no

meio esportivo, diante do grande repertório cultural que mantém o apreço a esta atividade.

É neste ponto que se reflete sobre a significação que o futebol abrange na sociedade e nos cidadãos de forma geral, buscando-se compreender as experiências e as ideias que justificam os comportamentos relacionados ao esporte. Uma das primeiras reações que surgem na relação dos torcedores com o futebol, embora não seja a única, é a paixão por seus clubes. Todos os ouvintes entrevistados reconhecem e dizem serem adeptos deste sentimento, embora não obtenham conclusões que reconheçam a origem material desta passionalidade exacerbada.

O Grêmio para mim acaba sendo uma ideologia. Pessoas que não muito interessadas em futebol não conseguem entender como existe um amor tão grande aí. Mas é uma paixão que aparece de várias formas a ponto de interferir no meu dia a dia. Quando o time ganha, tu estás feliz, quando o time perde ficas mais triste. Ele é um grande influenciador no teu dia. É um amor sem explicação (ENTREVISTADO 2).

O entrevistado 4, vigilante e natural de Porto Alegre, também tenta compreender como se formou essa paixão, mas não encontra nenhuma resposta concreta, a não ser uma razão que se relacione com o destino humano, ratificando uma religião com o sagrado, correspondendo às proposições míticas da existência humana, defendidas por Armstrong (2005) e Eliade (1992). “É uma coisa que não tem explicação. Eu acho que a pessoa já nasce com um time para torcer”, avaliou o Entrevistado 4.

Observa-se certa carga emocional nestes torcedores até quando conversam sobre seus times durante as entrevistas e tentam discernir sobre os sentimentos direcionados aos clubes. A força instintiva e pouco racional destas emoções impede maiores teses explicativas. A única certeza é da intensidade desta paixão e de sua interferência nos cotidianos. “Eu até nem sei explicar isso. Porque, como dizem, o futebol é uma paixão. Mais profundo, eu não consigo entender as razões”, afirmou o Entrevistado 1.

Os ouvintes incorporam o caráter passional, também ao alterarem seu humor no dia a dia ou mesmo agir na defesa de seu time quando se sentem afetados, desenvolvendo analogia com circunstâncias de disputa por determinados espaços na sociedade futebolística em formas de conflitos de posições clubísticas, conforme a natureza das representações.

Se falar mal eu não deixo de entrar em uma discussão. Se estou em um grupo ou pessoalmente e a pessoa denigre ou “toca uma corneta” como costumamos dizer no ditado popular, eu não fico quieto. Discuto com civilidade, sem ofensas, mas, não entra em um ouvido e sai no outro. A pessoa fala, entramos em discussão e eu tento defender o clube, mesmo não ganhando nada por isso (ENTREVISTADO 5).

Se estas ações não admitem uma compreensão científica que desdobre o vínculo sentimental de torcedores com seus clubes, o inconsciente arquetípico, idealizado por Jung (2000), pode justificar alguns atos baseados no instinto, como a relação com o clube e suas condutas de afeto e defesa deste significado passional, representando analogias com outras formas de amor e crença da vida humana. São significados incorporados pela cultura, com origens e reprodução sentimentais, e que estabelecem sentido na vida dos indivíduos, mas escapam de uma denominação concreta, de modo que todas as reações do âmbito da paixão no futebol obedecem à condução do imaginário. É nesta lógica que o autor define identidades inconscientes, com as relações entre sujeitos que reagem de forma semelhante em determinadas circunstâncias, por meio de instintos que impulsionem emoções – neste caso, relacionadas a símbolos de muito afeto, como os clubes de futebol.

Quando os torcedores participam de rituais ou experiências nas rotinas de seus clubes – como presença em jogos, vestimentas de roupas com as cores dos times e acompanham diariamente informações e opiniões das equipes – essas atividades desenvolvem um significado especial na vida desses cidadãos, que não se resumem ao caráter esportivo. Os próprios ouvintes não conseguem identificar e explorar melhor as razões destes comportamentos, apenas visualizam a importância que a paixão clubística assume diante da dimensão que o futebol impõe em suas vidas.

O entrevistado 5 relata que este instinto passional que o vincula ao Grêmio esteve presente em uma data muito especial da sua vida, o dia do nascimento do seu filho. No dia seguinte, ocorreu um clássico Gre-Nal, com uma vitória marcante por 5 a 0 sobre o Internacional e, para o torcedor, a coincidência temporal significou muito, com a possibilidade de transmitir a alegria para seu herdeiro, mesmo sem conseguir compreender as dimensões que ultrapassam o futebol que este significado clubístico pode atribuir.

Meu filho nasceu no dia 8 de agosto de 2015. No dia 9 foi a data do Gre-Nal e óbvio que se não tivesse tido este acontecimento eu estaria no estádio. Foi o dia que o Grêmio ganhou de 5 a 0, naquele Gre-Nal histórico. E eu estava no hospital com o filho e coloquei a camisetinha nele, com um dia de vida. Foi o primeiro jogo da vida dele. Tirei fotos e me marcou muito este momento (ENTREVISTADO 5).

A breve história relatada transmite orgulho para o pai, na medida em que consegue repassar parte de seu repertório sentimental, relacionado ao Grêmio, a seu herdeiro biológico. E deste modo, vai se desenvolvendo um ser humano em formação, com instintos emotivos semelhantes na concepção de afinidade ao Grêmio, conforme a referência familiar exposta. O próprio entrevistado 5 admite que tem como pretensão absoluta o desejo de que seu filho se torne um adepto torcedor do Grêmio, assim como ele. Este fenômeno ilustra a preponderância da identidade clubística de origem familiar na escolha do clube e na assimilação de comportamentos comuns à figura do torcedor. É no momento de formação das personalidades, que os indivíduos providos de ambientes atrelados a valores clubísticos e futebolísticos passam a incorporar a identidade de determinadas agremiações e o instinto passional em seu repertório sociocultural. Esses atributos adquiridos por meio do contato com o meio de origem vão se disseminando, conforme a ordem cultural e o compartilhamento de visões simbolizadas pelo imaginário, estabelecendo, assim, vínculos subjetivos com os clubes de futebol, mas, que moldam muitos comportamentos estereotipados da esfera esportiva – entre eles os rituais de torcidas, como as vestimentas e presença frequente em estádios de futebol ou locais voltados a esta atividade.

Muitas vezes, os vínculos de identidade com os clubes herdados dos familiares podem começar a ser construídos antes mesmo do nascimento. É o caso do entrevistado 4, torcedor do Internacional, que recebeu o nome de Adavílson em homenagem a um jogador que vestiu a camisa do clube na década de 1950. O significado que o Internacional abrange em sua vida é tão grande que o ouvinte chega a declarar que o amor que sente pelo clube é semelhante ao sentimento que detém sobre a sua própria mãe.

Esta é uma das reproduções práticas das narrativas míticas no esporte, na medida em que o clube deixa de ser reconhecido como um time de futebol e admite o significado sentimental de um familiar ou ser humano muito próximo, recebendo todo esse amor. Ou seja, o Internacional admite a significação de uma crença sagrada que requer toda uma devoção, assemelhando-se com os rituais destinados a instituições

divinas. É nesse sentido que autores como Armstrong (2005) e Eliade (1992) classificam o mito como uma invocação a crenças alinhadas ao sagrado, responsáveis por produzir significados na vida humana. E o clube de futebol adquire esta conotação, tendo em vista a dimensão e amplitude de seus valores, que em momento algum se restringem às convenções literais do futebol, com símbolos e versões de ideias apenas limitadas ao esporte.

No entanto, para que o clube admita todo este valor simbólico, é necessário que se recorra a uma trajetória histórica e contextual que elevem os ideários clubísticos a este patamar habilitado a delimitar muitas identidades contemporâneas. E para isso, mesmo com a significação mítica e suas conotações simbólicas na construção de narrativas de significação a muitos modelos de vida, é importante parametrizar as origens de essência destas instituições para que se compreenda como estes valores se difundiram na cultura brasileira e mundial esportiva. Nestas condições, deve-se considerar o espaço simbólico que o futebol admite nas sociedades contemporâneas. Por mais que muitos dos instintos passionais em relação às agremiações clubísticas transcendam à esfera material do futebol e suas disputas de campo, é relevante refletir sobre como a adesão e afeição a este esporte se difundiu de modo a proporcionar conjuntos de identidades clubísticas. Isto pode ser confirmado pelo fato de a validade destes fortes níveis de afinidade com os clubes só existir se amparados a um contexto cultural que os mantenha. E este ambiente é moldado pelo próprio futebol, não apenas como esporte, mas como um jogo que impõe muitos significados de entretenimento, mas, especialmente, culturais, que conferem estímulos a experiências cotidianas que impõem sentimentos e prazeres na perspectiva de inserção dos indivíduos a este mundo à parte, com espaços de sua rotina direcionada aos desdobramentos simbólicos deste jogo.

Deste modo, é possível afirmar que os torcedores só desenvolvem este apreço cultural e instintivo com um clube de futebol porque também é envolvido com o esporte como um todo. Mas não necessariamente na representação denotativa de um esporte e, sim, em um grande campo de ideias e princípios de compartilhamento coletivo – que envolve negócios, espetáculo, entretenimento e disputas pessoais. Todas estas vertentes e muitas outras são aglomeradas nos limites de abrangência do futebol e, assim, recebem seu potencial de significação sobre a sociedade, de modo que a torcida extrema e apaixonada a um clube é apenas um dos níveis de conduta – e, talvez, o que mais destine

intensidade aos frequentadores do meio. O entrevistado 3 conseguiu situar a sua paixão ao Internacional como um resultado de sua integração ao universo futebolístico.

Para mim é um lazer. Sou muito ligado à bola, gosto de futebol. Às vezes, brinco com a minha esposa e digo “não é só futebol, é mais do que futebol”. A pessoa se relaciona com aquilo e a vitória do clube passa a ser a sua vitória também. Esse, para mim, é o sentido maior do futebol. Estando ligado ao clube, tu fazes parte daquilo ali (ENTREVISTADO 3).

Esta versão explicitada pelo entrevistado 3 pode ser válida para todos os outros ouvintes abordados, na medida em que todos eles são familiarizados com contexto, linguagem e outros desdobramentos de rituais que envolvem o esporte, estando inseridos neste ambiente. Parte dos entrevistados reivindica a defesa dos interesses de seus clubes, demonstrando todo o sentimento que nutrem por eles. No entanto, para que consigam expor suas demandas e incorporarem o posicionamento de determinada instituição, reagindo emotivamente, é necessário que sejam integrantes deste meio, de modo que os acontecimentos se conectem com seus cotidianos ou mesmo com suas aptidões de entretenimento na origem cultural.

Este cenário remete à abrangência de identidades culturais coletivas que norteiam uma comunidade de torcedores que admitem relações e reações passionais mediante um espaço de dimensões bastante complexas que é o futebol, concentrando questões comerciais, culturais, esportivas e de entretenimento. Estes indivíduos convivem e se reproduzem compartilhando as relações com seus clubes perante a emergência de um campo de jogo, em que se aglomeram princípios que direcionam a relevância do esporte, de modo que muitos destes valores e sentimentos decorrentes se viabilizam pelas narrativas míticas, na medida em que neste espaço se permitem disputas, heróis e o preenchimento por crenças que religam estes torcedores a emoções, atribuindo sentido a suas vidas. Como os entrevistados enfatizaram, muitas relações com outros cidadãos eram mantidas por meio do esporte, seja em diálogos, discussões ou grupos de torcidas. Esse contato entre diferentes sujeitos, por meio de ideias e sentimentos que os unem, reforça a prospecção de comunidades e convivência social por meio da identidade coletiva do futebol.

Essa identidade permanente que reúne torcedores de futebol se converge com o significado das representações, conforme aporte teórico do Circuito da Cultura e suas implicações sobre o processo comunicacional, de modo que os discursos dos

comentaristas eram interpretados por meio de sentimentos que elevam o esporte ao mesmo tempo, a campos de batalha, mas, também, a ideias e modos de vida que torna digna e válida a existência.

4 Conclusões

A investigação acerca da validação e do compartilhamento social das identidades futebolísticas demonstrou o amparo dos torcedores a significados míticos, na medida em que constroem uma realidade simbólica condutora de relações desenvolvidas e mediadas em torno da adesão esportiva.

Os grupo de mediação pioneiro no desenvolvimento da relação afetiva dos indivíduos com o futebol é o ambiente familiar, na medida em que os sentimentos passionais e a adesão a determinada cores clubísticas consistem, de modo geral, em um modo de vida endossado como herança entre gerações.

As relações clubísticas e a dimensão simbólica de suas cores e rituais tornam-se tão contundentes somente porque existe um universo maior e que abriga toda esta cadeia relacional e afetiva, que é o próprio futebol, em vista de que o jogo ultrapassa os limites de campo e contempla modos de significar as experiências cotidianas, prospectando um espaço coletivo de produção de sentido social.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BETING, Mauro. Jornalista futebolístico deveria vestir a camisa da sua profissão, e não apenas a camisa do patrão. In: BOAS, Sergio Vilas (org). **Formação e informação esportiva: Jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus editorial, 2005.
- COIRO-MORAES, Ana Luiza. Estudos Culturais aplicados em pesquisas de comunicação. In: SOUZA, Rose Mara Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvaldo J. de (Orgs.). **Teorias da comunicação: correntes de pensamento e metodologia de ensino**. São Paulo: INTERCOM, 2014.
- DU GAY, P. et al. **Doing Cultural Studies: The Story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais – Uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- GERCHMANN, Leo. Coligay: **Tricolor e de todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.
- HALL, Stuart. Estudos culturais: dois paradigmas. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.